

12 de Junho

FRANCISCO KESY E 4 COMPANHEIROS JOVENS, MÁRTIRES E BEATOS

Os oratórios sempre tiveram um lugar privilegiado nas atividades salesianas. Também em Poznań (Polônia), na rua Wroniecka junto à casa salesiana, a típica educação de São João Bosco, feita de cuidado paterno e de caridade concreta para com os jovens, tinha papel excepcional. Eram os anos da ocupação nazista. O exército alemão entrou em Poznań no dia 11 de setembro de 1939. Todas as noites, quando tinham um pouco de tempo livre, como já faziam antes da guerra, os jovens se reuniam numa sala do oratório salesiano. Entre os mais velhos do grupo havia cinco futuros mártires.

Czesław Józwiak nasceu no dia 7 de setembro de 1919 em Łaży, próxima a Bydgoszcz. Os pais Leão e Maria transferiram-se para Poznań e moravam perto do centro. Tiveram quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Durante a ocupação alemã, Czesław trabalhava como pintor de paredes, enquanto frequentava o ginásio no ano escolar 1938-1939.

Eduardo Kaźmierski nasceu no dia 1º de outubro de 1919 em Poznań. Seu pai, Vicente era sapateiro, a mãe, Władysława, ocupava-se da casa. Eduardo tinha cinco irmãs. Quando concluiu a escola elementar, seu tio lhe propôs trabalhar num negócio que pertencia a um judeu, Jacó Abramowicz. Eduardo trabalhou como ajudante por um mês, depois, graças à ajuda de um Salesiano, Ladislau Bartoń, pôde começar a trabalhar numa oficina mecânica. Ali ficou também durante a guerra.

Francisco Kęsy nasceu em 13 de novembro de 1920 em Berlim-Wilmersdorf. Seus pais, Estanislau e Ana, retornaram à Polônia em 1921 e estabeleceram-se em Poznań. Tinham cinco filhos. O pai era carpinteiro e trabalhava numa central elétrica da cidade. Francisco já expressara a intenção de entrar no seminário salesiano de Łąd e se preparava como aspirante. Durante a ocupação alemã trabalhava como empregado de Czesław Józwiak.

Eduardo Klinik nasceu no dia 21 de julho de 1919 em Poznań. Era filho de Woicjeh e de Anastácia. Seu pai era mecânico. Eduardo tinha uma irmã mais velha, Maria, que, depois, será freira, e um irmão mais jovem, Henrique. No ano escolar 1936-1937, Eduardo concluiu o ginásio salesiano em Óświęcim e, no ano 1938-1939, passou no exame de maturidade de Berger em Poznań. Durante a ocupação alemã trabalhava numa empresa de construções.

Jarogniew Wojciechowski, o mais jovem dos cinco, nasceu no dia 5 de novembro de 1922 em Poznań. O pai André, que trabalhava numa mercearia, era dependente de álcool e abandonou a família. Por isso, Jarogniew foi obrigado a abandonar o ginásio. Sua única irmã mais velha, Ludosława, devia cuidar de

sua mãe Francisca e do irmão. Jarogniew frequentava a escola municipal de comércio e trabalhava como empregado numa mercearia.

Os cinco jovens, tanto depois da escola como depois do trabalho, passavam o tempo livre no oratório salesiano, onde participam ativamente das diversas atividades. A vida cultural daquele local era uma lição de vida que formava o caráter, desenvolvia a sensibilidade e o sentido do bom humor. O sorriso misturava-se com a oração, o jogo com a reflexão, e nisso vigiava do céu São João Bosco. As almas destes jovens eram formadas também pelo contato pessoal com Deus. Nessa atmosfera cresciam, formando a própria fé e a própria personalidade. Czesław Józwiak era presidente da Companhia da Imaculada, Eduardo Kaźmierski e Francisco Kęsy dirigiam alternadamente como presidentes da Companhia de São João Bosco; eram associações internas do oratório segundo o estilo salesiano.

Os cinco eram animadores no oratório. Tinham sempre uma parte ativa nos espetáculos teatrais, organizados com grande iniciativa. Eduardo Kaźmierski era particularmente apaixonado por teatro e música. Deixou cinco grandes cadernos nos quais escrevera um diário sobre os seus interesses e experiências de 1º de fevereiro a 28 de maio de 1939. Ao final de cada ano fazia um elenco das partes interpretadas nas apresentações teatrais do oratório. Sua segunda grande paixão era a música. Gostava de ópera, e também tinha composto algumas músicas. Segundo a opinião dos colegas, era um grande musicista, tanto que o tinham apelidado de o Compositor. Participava ativamente no coral com Eduardo Kaźmierski e Eduardo Klinik. A Francisco Kęsy agradava particularmente o esporte, praticando-o com prazer.

Durante a guerra, a casa salesiana da rua Wroniecka foi ocupada por várias dezenas de soldados alemães, que transformaram todo o edifício e a igreja em depósito militar. Contudo, os jovens continuavam a reunir-se nos campos fora da cidade. Vinha-lhes à mente com sempre maior frequência também o pensamento de aderir ao movimento de resistência, inserindo-se numa das numerosas organizações secretas que, então, se formavam em Poznań. Não se pode comprovar com certeza que os cinco jovens tenham participado desses movimentos, mas só se sabe que em setembro de 1940 foram aprisionados, com a acusação de pertencerem a uma organização ilegal.

Eduardo Klinik foi preso antes dos seus colegas, em 21 de setembro de 1940. Foi preso no trabalho, sem poder se despedir de ninguém. Escreveu à mãe, com um pedaço de lápis, no diário da prisão: “Quanto a mim, fique tranquila, porque vou à batalha da vida com intensa fé. Sei que Aquela a cuja proteção me confiei, sendo seu Cavaleiro, vigia sobre mim e jamais me abandonará”. Depois da prisão de Eduardo, os outros ficaram consternados; o pai de Czesław Józwiak aconselhou-os a fugir para fora da cidade, mas os jovens decidiram não deixar os seus caros. Foram presos na noite de 23 de setembro.

12 de Junho

Os quatro viram-se, assim, na “Casa do soldado” que, pelo modo cruel com que ali se realizavam os interrogatórios, era chama de “a Gestapo” de Poznań. Depois de 24 horas de interrogatório foram transferidos à Fortaleza VII, onde provavelmente já estava Eduardo Klinik. A Fortaleza VII tinha uma fama ainda mais tétrica do que a “Casa do soldado”. Fora construída no século XIX como fortaleza de defesa da cidade, com um fosso e pesadas muralhas, e transformada em cárcere no interior do qual milhares de poloneses perderam a vida depois de passarem pela fome, pelas torturas e, enfim, pelas execuções. Os jovens ali chegaram no dia 24 de setembro. Foram submetidos a controles e privados de todos os seus objetos pessoais. Nos bolsos dos quatro 94 alunos salesianos, os carcereiros pouco encontraram. Há, porém, algo que suscitou zombaria e furor dos seus carcereiros: o Rosário, do qual os jovens nunca se separavam. Acabaram no cesto de lixo, mas bastou um momento de distração dos guardas para que estivesse de novo nos bolsos dos jovens. Desde aquele momento os acompanharia durante os longos meses de sofrimento carcerário e elevaria o espírito deles nos momentos de desânimo.

As torturas na Fortaleza VII eram normais, e também os nossos jovens eram frequentemente expostos a elas. Dá testemunho disso um gryps (comunicação clandestina escrita entre os prisioneiros) de Jarogniew Wojciechowski à família, expedida com a roupa para a lavanderia. Num pedaço de papel, envolvido num lenço ensanguentado, Jarogniew escreve que bateram nele até fazê-lo perder a consciência, e pede orações. Também no diário de Eduardo Klinik encontramos uma nota muito eloquente: “Segunda-feira, um dos dias mais terríveis da minha vida, que talvez jamais esquecerei”. Só Deus sabe dos sofrimentos suportados naquele dia. Grande mérito de manter elevado o espírito dos seus colegas de oratório foi Czesław Józwiak. Explicava-lhes com paciência o sentido dos tormentos sofridos na prisão. “Devem entender – dizia – que os nossos sofrimentos não são em vão. Não desaparecem. Alguns combatem com as armas nas mãos pela liberdade da Polônia, outros sofrem por ela. E uma e outra coisa são importantes. Mas a coisa mais importante é ser fiel a ela!”.

Após breve período foram transferidos a outra prisão em Poznań na qual a vida era mais tranquila, sem as torturas e sem o medo contínuo, mas infelizmente sempre sem liberdade. Trabalhavam durante o dia e, à noite, durante o repouso, ouvia-se de suas celas a récita do Rosário e as orações salesianas. Com admiração e incredulidade, e até mesmo com inveja, os companheiros de desgraça olhavam para aqueles jovens dos quais tudo fora tirado, mas que tinham muita força e fé, e muita alegria interior. Às vezes, diziam-lhes: “Não percebem o que os espera?”. “Só Deus o sabe – respondiam – e nós temos confiança n’Ele. Qualquer coisa que aconteça, será sempre a sua vontade”. Diante de tal resposta, só tinham que se calar.

12 de Junho

Novembro de 1940 foi marcado pela transferência para Wronki e a prisão em isolamento, em celas separadas. Foi um sofrimento ainda mais doloroso para estes jovens, habituados a apoiar-se reciprocamente, mas foi também um tempo de graça. Eduardo Klinik anota em seu diário as suas “perguntas” ao Senhor: “Senhor, porque me puniste tão severamente? Mereci realmente isto? Por que puseste cruz tão pesada nas minhas costas”? Eduardo, contudo, não se contenta em apresentar perguntas, mas busca respostas: “Filho, não te desespere – responde Deus – e não busques a consolação dos homens, porque quem busca a consolação dos homens afasta-se de mim. Meu filho, olha para mim que, carregado de uma pesada cruz por teu amor, caminhava para o Gólgota e não me saiu da boca nem sequer uma palavra de lamento, e tu já agora te lamentas? Retribui-me somente amor por amor”.

Eduardo Kaźmierski fala até mesmo deste período como de um tempo de exercícios espirituais. “Justamente em Wronki cheguei a um acordo comigo mesmo. Lá me conheci melhor e percebi que ainda me falta muito para ser um bom filho de Dom Bosco, para agradar a Deus, ser útil ao próximo e honrar a família. Creio, agora, que quando conseguir a liberdade, Deus me ajudará, e assim serei capaz de cumprir as resoluções tomadas”. Francisco Kęsy escreve palavras semelhantes: “Em Wronki, como estava sozinho na cela da prisão, tive tempo de examinar-me a fundo [...] e prometi viver diferentemente, como Dom Bosco nos recomendou, de viver para agradar ao Senhor e à sua Mãe, Maria Santíssima”.

Em Wronki, os nossos jovens vivem as festas de Natal tentando cantar uma canção, mas são bruscamente impedidos pelos guardas. A Páscoa foi o tempo da transferência para outra prisão da Alemanha, primeiramente em Berlim e, depois, em Zwickau. Mais um ano de prisão, cheio de esperança, mas também repleto de fé. O ritmo de trabalho é cortado pelo ritmo da oração que sustenta seus espíritos. Interessam-se muito pelas suas famílias, como podemos ler nos famosos gryps enviados de várias maneiras para casa. São jovens como todos os outros, cheios de projetos. Imaginam um futuro simples trabalhando, vivendo numa pequena casa com a família que desejam formar. “Nós, com Eduardo, sonhamos uma pequena casa com jardim nas proximidades da cidade – lemos num gryps de Francisco Kęsy – mas quais são os nossos projetos? Deem-nos apenas a liberdade, e depois basta arregaçar seriamente as mangas para o trabalho”.

Pedem a Deus boas condições de saúde, e contam que a vida deles agora é bastante tranquila, tanto que não ficam perturbados nem mesmo com a aproximação da tão esperada data do processo. “O nosso processo deve ser logo – escreve Eduardo Kazmierski num gryps a sua irmã – mas não creio plenamente, porque falam dele já há quase dois anos. Como Deus queira [...]. Não pensamos muito nesse negócio [...]. O fim da guerra é eminente”. Depois, em outro gryps aos pais, confirma novamente: “Talvez fosse melhor que este

processo não existisse. De resto Deus sabe, e que nos mande coisas boas! O que acontecer, acontecerá segundo a sua vontade”.

Entretanto, foi estabelecida a data do processo: 1º de agosto de 1942, às 9:00 horas, diante do tribunal extraordinário de Poznań, na sessão independente de Zwickau. Os jovens informaram suas famílias sobre a data, suplicaram uma oração especial para aquele dia e esperaram. Em 1º de agosto apresentaram-se ao julgamento no tribunal. Ouviram em pé o ato de acusação. De resto conheciam-no de cor: a preparação de um golpe de Estado com a finalidade de fazer sair do Reich alemão uma parte do próprio Estado alemão. O processo foi breve e mais breve ainda a consulta no interior do tribunal. A sentença de condenação atingiu os nossos jovens como um raio em céu sereno: “pena de morte!” para os cinco.

Os jovens oratorianos passaram seus últimos 24 dias juntos na cela da morte número 3 do Palácio da Justiça de Dresden. Não vivem no desespero, mas se preparam para a hora da morte com os sacramentos da Reconciliação e da Comunhão eucarística. Compreendemos a sua grandeza de espírito ao ler trechos das últimas cartas que escrevem aos familiares. Palavras simples, cheias de amor, que se tornam um verdadeiro tratado da sua heroicidade.

“Minha amadíssima mãe e caríssimas irmãs – escreve Eduardo Kaźmierski – recebi sua carta de adeus [...]. Agrada-me muito que estejam resignadas à vontade de Deus [...]. Agradeçam ao Senhor pela sua grande misericórdia. Ele me concedeu serenidade. Resignado à sua santíssima vontade, em pouco tempo partirei deste mundo [...]. Agradeço-lhe, mamãe, pela tua bênção. Deus quer assim. Ele pede este sacrifício da senhora [...]. Peço-lhes perdão de todo o coração [...]. Peço-lhes uma oração”.

“Meus amadíssimos pais, irmãos e irmãs – começa sua carta Francisco Kęsy – chegou o momento de despedir-me de vocês. O Bom Deus me toma consigo. Não deplorem que eu parta deste mundo em idade tão jovem. Agora, estou em estado de graça, e não sei se mais tarde seria fiel às minhas promessas [...]. Vou para o céu; até mais. Lá, do céu, rezarei a Deus [...]. Rezem de vez em quando por mim [...]. Agora eu vou”. “Amadíssimos pais, mamãe, papai, Maria, Henryk – assim se dirige aos parentes Eduardo Klinik – os decretos de Deus são misteriosos, mas devemos resignar-nos, porque tudo acontece para o bem da nossa alma [...]. Maria foi a minha Mãe até o último instante. Agora, quando a senhora, mamãe, não me tiver mais, tome Jesus [...]. Aos meus caríssimos, não se desesperem por mim e não chorem, porque eu já estou com Jesus e Maria”.

“Meus caríssimos pais, Joana, irmãos – escreve Czesław Józwiak – justamente hoje, ou seja, dia dedicado a Maria Auxiliadora [...] parto deste mundo [...]. Peço-lhes apenas que não chorem, não se desesperem, não se aflijam no coração. Deus quer assim [...]. Rezem ao Senhor pela paz da minha alma. Eu

pedirei a Deus por vocês, para que os abençoe, e poderemos um dia ver-nos todos no céu. Envio aqui um beijo a cada um de vocês”.

“Amadíssima e caríssima Ludosława – Jarogniew Wojciechowski assim tranquilizava a irmã (a mãe morrera no segundo ano da sua prisão) – fique tranquila porque não está sozinha nesta terra. Eu e mamãe estaremos sempre ao seu lado. Peço-lhe uma coisa: entregue os sentimentos de cada momento da sua vida somente a Jesus e Maria, porque com eles você encontrará tranquilidade [...]. Pense que felicidade: parto deste mundo unido a Jesus na santa Comunhão. Nesta minha última Comunhão penso em você e ofereço-a pela sua intenção e pela minha, com a esperança de que toda a nossa família, sem exceção, será muito feliz lá em cima [...]. Eu vou agora, e espero-a lá no céu com a caríssima mamãe”.

As sentenças foram executadas no dia 24 de agosto de 1942; deram notícia disso os cartazes que surgiram no dia seguinte nos muros de Poznań. Condenados sem um processo regular, sem possibilidade de defesa e, em todo caso, por causas que não justificavam a pena de morte, deram um exemplo heroico de fé e de vida cristã. Tinham-na assimilada no oratório salesiano de Poznań; e dela tiraram forças para aceitar com serenidade “a vontade de Deus” e até perdoarem os seus carnílices segundo o mais genuíno espírito do Evangelho.

ORAÇÃO

Ó Deus, que concedeste aos Beatos Francisco [Kęsy] e companheiros mártires a graça da santidade no tempo da juventude, renova os prodígios do teu Espírito para que também nós enfrentemos toda adversidade, por teu amor, e caminhemos com entusiasmo ao teu encontro, tu que és a verdadeira vida. Nós te pedimos que queiras glorificar estes teus servos e conceder-nos por intercessão deles, a graça que te pedimos...Por Cristo nosso Senhor.

Amém.

Referência Bibliográfica: CAMERONI, Pe. Pierluigi. *Como estrelas no céu: figuras de santidade na companhia de Dom Bosco*. Tradução de Pe. José Antenor Velho. Brasília: Edebê Brasil, 2017, pp. 91-97.